

ESTILIZAÇÕES DE GÊNERO EM DISCURSO SOBRE LINGUAGEM*Joana Plaza PINTO¹

RESUMO *A partir das interpretações que Derrida (1990) e Rajagopalan (1989; 1990; 1992; 1996a; 1996b; 2000a; 2000b) fazem da teoria dos Atos de Fala de Austin (1976; 1998), e partindo por outro lado da teoria de gênero de Butler (1997; 1999), esta tese analisa, no processo performativo de significação, as estilizações das identidades de gênero na relação com a própria linguagem. Como primeiro passo, este estudo reflete teoricamente sobre a problemática da identidade a partir dos conceitos de ato de fala, de metalinguagem e de gênero. Em seguida foi feita uma análise qualitativa de entrevistas de longa duração com duas mulheres e dois homens, jovens universitários, evidenciando como as estilizações de gênero organizam identidades plurais, e, ao mesmo tempo, organizam identidades bipolares opostas pela obrigação/embargo da prática da violência linguística.*

RÉSUMÉE *À partir des interprétations de la théorie des actes de discours d'Austin (1976; 1998) faites par Derrida (1990) et Rajagopalan (1989; 1990; 1992; 1996a; 1996b; 2000a; 2000b), et, d'autre part, de la théorie de genre de Butler (1997; 1999), cette thèse analyse, pendant le process performatif de la signification, les stylizations des identités de genre en relation avec le discours sur le langage. D'abord, cet étude réfléchit théoriquement sur la problématique de l'identité, en la mettant en rapport avec les concepts de l'acte de discours, du métalangage et du genre. Ensuite, on fait l'analyse qualitative des interviews longues avec deux femmes et deux hommes, jeunes universitaires, en soulignant comment les stylizations du genre organisent des identités plurielles, et, au même temps, elles organisent aussi des identités en dualité et en opposition par l'imposition/l'interdiction de la pratique de la violence linguistique.*

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 20 de março de 2002, sob a orientação do Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan.

¹ Bolsista do Programa de Absorção de Jovens Doutores da Capes, integrada ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFG desde maio de 2003. Para sugestões e críticas a este artigo: joplaza@letras.ufg.br.

0. VISÃO GERAL

Esta tese é uma discussão sobre como o discurso sobre linguagem, sendo performativo, opera as estilizações de gênero, postulando identidades. Tem como referências teóricas a Teoria dos atos de fala (Austin, 1976, 1998) e as interpretações feitas por Rajagopalan (1989; 1990; 1992; 1996a; 1996b; 2000a; 2000) e Derrida (1990); e a teoria de gênero elaborada por Butler (1997; 1999). A hipótese principal é que a temática ‘linguagem’ e seus derivados não são estranhos ao discurso cotidiano; além disso, esse discurso metalingüístico opera a auto-imagem de falante e o valor simbólico atribuído à atividade discursiva nas suas relações de gênero.

Os objetivos definidos foram buscar entender, no processo performativo de significação, a condição do sujeito que fala, sua relação com sua própria linguagem e com identidades de gênero; e discutir as marcas das estilizações de gênero presentes no discurso ordinário sobre linguagem.

Para o debate, foi necessária uma problematização ética do objeto de estudo. Falar sobre linguagem é um agir porque é uma promessa sobre o próprio agir, e essa promessa é sempre decisão, escolha – portanto remete a um *ethos*. Discutir as conseqüências e visibilidade destas escolhas, tendo em vista que o tema desta pesquisa, que também é um exercício de falar sobre linguagem portanto pleno de escolhas, é perguntar *como e o que falamos sobre linguagem nomeia (verbo performativo) quem somos no mundo*. Portanto, o discurso sobre linguagem toma a própria linguagem como tema, e, tendo em vista as relações de força simbólica estabelecidas, pretende atualizar, controlar e renovar as relações de poder estabelecidas na própria linguagem.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nas diversas leituras dos atos de fala, duas categorias foram utilizadas como possíveis âncoras que explicassem o funcionamento dos atos de fala: a intencionalidade e as convenções ritualizadas. Ambas apresentaram no entanto vários problemas de sustentação, pois os atos de fala mostram que continuam agindo para além da intenção do sujeito e para além dos limites das convenções analisadas. Seguindo a problemática da dupla constativo/performativo, encontramos a possibilidade, aberta pelo próprio Austin, de uma teoria mais geral dos atos de fala que possa dar conta da performatividade como propriedade geral das práticas lingüísticas e corporais. Neste sentido, a irredutibilidade do ato de fala impede convenções de espaço e tempo, e nos leva a refletir sobre o ato de fala como ato corporal, ao mesmo tempo exigindo e instaurando o corpo em sua realização. Mas esse corpo é também ritualizado, portanto integrante da materialidade do ato de fala.

A partir dessa compreensão do ato de fala como ato corporal, identidade é tomada como performativa. Tradicionalmente, identidade é unidade e limite do

indivíduo, um conceito derivado da nomeação que subsidia sua prática, constituindo identidade como pré-discursiva e essencial. No entanto, identidades são efeitos de atos que impulsionam marcações em quadros de comportamentos – marcações diferenciais encadeadas. Neste ponto, a teoria de gênero (Butler, 1999, 1997) procura descrever os mecanismos de regulação dos corpos. Butler (1998) defende que o efeito do discurso sobre os corpos é sua postulação prévia, efetuada pelo caráter performativo da formulação das identidades de gênero. Esse efeito leva a identidades plurais, porque organizadas por diferentes elementos; mas são bipolares, porque fundamentadas no discurso da heterossexualidade compulsória (Butler, 1999).

O objeto de pesquisa, o discurso sobre linguagem, também exigiu uma reflexão. Percebi que a origem lógica do termo ‘metalinguagem’ acarretou uma visão da metalinguagem natural como imperfeita. ‘Metalingüístico’ foi tratado no campo estrito da língua, mas expôs problemas que confundem a diferenciação fundamental entre uso e menção. Mas alguns autores e autoras (Culioli, 1990; Reddy, 1996; Rey-Debove, 1978) puderam perceber que a autonomia (menção que um termo efetiva a si próprio) e a reflexibilidade implicam que a distinção entre eventos lingüísticos e eventos metalingüísticos é muitas vezes ambíguas. No entrecruzamento dessa leitura crítica da metalinguagem com o quadro teórico dessa pesquisa, o metalingüístico é visto como um efeito dos atos de fala.

2. METODOLOGIA

Foram feitas quatro entrevistas longas, de 1 hora e 30 minutos a 2 horas, entre três pares de falantes (dois homens; duas mulheres; um homem e uma mulher), propondo como temas ‘comunicação’, ‘linguagem’ e ‘língua’. O perfil pré-significado das entrevistadas/os, no momento da entrevista, era: jovens entre 18 e 20 anos; solteiros/as; estudantes de universidades públicas federais; pertencentes a classe média; heterossexuais; 3 sem religião e 1 católico; relações de parentesco basicamente convencionais (filhos/as biológicos/as; pai-mãe-irmãos/ãs; um divórcio entre os pais de Ana). O roteiro final tinha oito perguntas básicas.

A metodologia proposta tinha por objetivo explorar identidades de gênero como estilizações relacionadas a outras estilizações, isto é, como conjunto de marcações em quadros de comportamentos relacionais, procurando criar situações de encontro/confrontação entre sujeitos nomeados por sintagmas nominais diferentes, ‘homens’ e ‘mulheres’, e explorar o discurso heterossexual em relação à bipolaridade homem-mulher.

Do ponto de vista da relação entre pesquisadora e pesquisados/as, procurei seguir alguns passos que pudessem minimizar o máximo possível as desigualdades de poder próprias dessa relação, como não coerção ou negligência de informações às entrevistadas/os; e não exploração, não abuso, a inviolabilidade de privacidade (de

acordo com normas organizadas pelo Conselho Nacional de Saúde (1996), Resolução 196/1996). As exigências mínimas foram: a) consentimento livre e esclarecido; b) tratá-las/os em sua dignidade, respeitá-las/os em sua autonomia e defendê-las/os em sua vulnerabilidade; c) ponderação entre riscos e benefícios, tanto atuais quanto potenciais; d) relevância social da pesquisa com vantagens significativas para os sujeitos da pesquisa. Algumas atitudes padronizadas procuraram seguir essas normas: conversa esclarecedora com as/os potenciais entrevistadas/os, informando-lhes sobre seu direito a autorizar ou não o uso de suas falas gravadas para a pesquisa; seu direito à privacidade; seu direito a tirar todas as dúvidas tanto sobre os procedimentos da entrevista quanto sobre o tema e interesse; seu direito a questionar tais procedimentos; seu direito a conhecer os resultados integrais da pesquisa; seu direito a retirar sua autorização em qualquer momento do desenvolvimento da pesquisa. A partir desses esclarecimentos, os/as entrevistados/as expressaram suas dúvidas e aceitaram fazer parte dessa pesquisa, assinando o *Termo de consentimento*. Neste termo, cada entrevistado/a recebeu um codinome (Ana, Maria, João, José), que foi utilizado para as transcrições.

3. ANÁLISE

A partir das entrevistas e de acordo com os objetivos dessa pesquisa, as marcas das estilizações de gênero no discurso sobre linguagem foram categorizadas a partir de dois grandes campos de marcação, em seguida subdivididos.

1) **TEMATIZAÇÃO SOBRE LINGUAGEM EM GERAL**: os campos temáticos sobre linguagem, afirmações retiradas especialmente de narrativas de experiências no decorrer das entrevistas e opiniões gerais relacionadas a essas experiências, sempre marcando as relações identitárias estabelecidas pelo/a falante. Esta tematização foi subdividida em:

1) tematização sobre quantidade, marcada por quantificadores ou comparativos (mais, menos, muito, pouco, demais). Exemplo: (1.) *A-M 1 82*, Maria: Geralmente quem fala mais na mesa sou eu ((risos)).

2) tematização sobre auto-afirmação, proposições a respeito da capacidade ou incapacidade de sustentar conversações, marcadas na maior parte dos casos por modalizadores (adjetivos, proposições modais) que incidem sobre verbos de fala ('falar', 'conversar', 'dizer'). Exemplo: (2.) *J-J 147*, José: tipo assim, eu converso o que eu acho o que eu tenho que conversar, que, tipo assim, o que vem na cabeça eu tenho que falar aí eu falo.

3) tematização sobre efeito, aí incluso termos relacionados a *êxito*, *alcance*, *consecução*, evidenciando valorações de efeitos, intencionais ou não, marcadas por proposições conclusivas, consecutivas, etc., todas relacionadas a uma proposição principal com verbo de fala. Exemplo: (3.) *A-J 250*, João: Ah, eu acho que você pode () acho que, você falou, uma coisa que cê falou, de repente alguém te chama

a atenção, tá errado tal, ou às vezes cê lembra de alguma coisa e você percebe, sei lá, você aprende, aí você muda de opinião.

II) EXPLICITAÇÃO DE IDENTIDADE: marcações de identidade explicitadas lingüisticamente, sempre estabelecendo a postulação do ‘eu’ e sua relação com termos pré-significadores de gênero, que é o centro do problema da identidade de gênero. Esta explicitação foi assim subdividida:

1) explicitações de auto-imagem, marcadas pelo pronome ‘eu’ ou qualquer verbo na primeira pessoa do singular. Exemplo: (4.) *A-M I 64*, Ana: De repente eu tô num lugar onde não conheço ninguém e... falar o quê.

2) explicitações de imagem de falante, marcadas por pronomes de terceira pessoa, ‘você’ indefinido, ‘a gente’, ‘a pessoa’, etc. Exemplo: (5.) *A-M I 309*, Maria: Eu acho que comunicação... comunicação não parte de você concordar ou não, mas de você entender.

3) explicitações de auto-imagem relacionada a gênero, o ‘eu’ estabelecendo relação com termos pré-significadores de identidades de gênero (‘homem’, ‘mulher’, ‘bicha’, ‘menina’). Exemplo: (6.) *J-J 151*, José: eu tenho mais facilidade de conversar ((com homens)) do que estar conversando com mulheres que eu tenho mais intimidade ou que seja minha amiga mesmo, aí eu tenho... mas não tem necessidade de falar com elas.

4) explicitações de imagem de falante relacionada a gênero, o ‘você’ indefinido, ‘a gente’, ‘a pessoa’, estabelecendo relação com termos pré-significadores de identidades de gênero (‘homem’, ‘mulher’, ‘menina’, ‘ele’, ‘ela’, ‘amiga’, etc.). Exemplo: (7.) *A-J 24*, João: () eu acho, que às vezes é mais assim, fala por exemplo de sexo, de droga, sei lá, homem geralmente se sente mais solto ().

Essas subdivisões pouco adiantariam se não pudessem ser entrecruzadas, seguindo uma sugestão de Austin (1976, 148ss) de que as classes encontradas precisam ser interrelacionadas porque são sempre insuficientes e pecam procurando reduzir o que é de fato irredutível.

Sendo assim, comparando auto-imagem quanto a quantidade, tanto Ana quanto João associam quantidade com ‘intimidade’, a quantidade de suas falas aumentariam ou diminuiriam de acordo com a relação que estabelecem com interlocutores/as; assim sua distinção é estruturada em torno da interlocução. Maria recorrentemente apresenta o seu ‘eu’ como quem fala muito e comparativamente mais, sem distinguir situação, interlocução ou tempo. José distingue graus de quantidade de acordo com situação (“momentos”), interlocução (“tem grupos”) e tempo (“tem dias”).

Comparando auto-imagem quanto a auto-afirmação, Ana coloca seu ‘eu’ como capaz de manter ou promover conversações, mesmo conflituosas, ainda que tenha uma opinião negativa da influência da sua postura afirmativa na manutenção de conversações conflituosas. Maria se posiciona em diversas ocasiões como um ‘eu’ em dificuldades para promover conversações em geral e manter conversações

conflituosas em particular. João reformula o problema da intimidade como organizador da sua auto-imagem: ele se postula sem dificuldades de manter ou promover conversações, mas sempre graduando de acordo com a idéia de “intimidade”. José expressa sua auto-imagem como dominando as situações de conversação, determinando as situações a serem mantidas ou não, indiferente ao desejo/necessidade do/a interlocutor/a: “eu converso o que eu acho que eu tenho que conversar”; “paro de falar e pronto e depois eu volto”; “eu gosto de insistir”.

Comparando auto-imagem quanto a efeito, Ana define os efeitos de sua fala como sem êxito ou consecução garantidos e mostra que prefere que efeitos de consecução não sejam atribuídos a ela mesma. Maria mostra como os efeitos da sua fala, alcance, êxito, consecução, influenciam sua auto-afirmação: ela desiste da conversa por que “sabe que não vai dar em nada”. Ela apresenta uma auto-imagem de quem não consegue produzir efeito afirmativamente, e não se atribui êxito ou consecução em fala. João tem, em primeira análise, a mesma auto-imagem de Maria, de quem não consegue produzir efeito afirmativamente; no entanto, ele retoma à idéia de intimidade e narra afirmativamente sua capacidade de consecução em conversas com um amigo. José narra capacidade de insistência em conversação para fins de produção de efeito, “Enquanto você não falar que é....aí eu corro atrás!”. De modo similar, ele narra a produção de efeito de sua fala, “falar só para os outros rirem”, enfocando o efeito de postulação negativa que sua fala deve causar em outros sujeitos presentes, “as vítimas” Sua auto-imagem se articula em torno da idéia de sentir de alguma forma o domínio da situação.

Comparando a imagem de falante, vemos que nenhum/a dos/as entrevistados/as proferiu qualquer sentença sobre quantidade. A pergunta geral “5) que tipo de pessoas falam muito? Que tipo falam pouco?” chamou para respostas envolvendo o pronome ‘eu’ ou termos pré-significadores de identidades de gênero. Quantidade é uma variável exclusiva de identidades de gênero no discurso sobre linguagem?

Apesar de repetir o discurso “mulher fala muito dos outros” (relacionado sem dúvida à idéia de que discurso feminino é igual a falar muito dos outros, isto é, fofocar), João se identifica com essa estilização (falar muito dos outros), mas não para criar uma identidade de gênero ‘mulher’, mas para criar uma identidade de falante comum para todos os gêneros – “é normal, eu falo”. No momento em que Ana resiste a esse discurso e nega essa estilização para seu corpo ‘mulher’ (“Eu (leia-se ‘eu, mulher’) não falo”), João refaz o termo e organiza essa estilização de tal modo que o corpo pré-significado ‘mulher’ se mantém como tal e a estilização é deslocada para um recorte sem identidade definida (“individual”, neste caso, leia-se ‘sem marcação de identidade’).

Comparando imagem de falante quanto a auto-afirmação, nota-se que não foram comuns afirmações sobre auto-afirmação que tivessem como sujeito a terceira pessoa, salvo nos casos de variação entre ‘eu’ e ‘você’, no movimento já notado anteriormente. De maneira geral, auto-afirmação foi tema freqüente da auto-imagem e das asserções com termos pré-significadores de identidades de gênero.

Comparando imagem de falante quanto a efeito, vemos que também encontramos poucas ocorrências, mas todas produzem afirmações centradas em termos a respeito da idéia de sucesso/fracasso de efeito: “você (entende?) uma coisa errada”; “usa inconvenientemente o que você falou”; “a pessoa entende uma coisa, assim que não quis falar”; “alguém te chama a atenção, tá errado tal”.

Na análise da auto-imagem, que a quantidade é alterada de acordo com a auto-afirmação, que por sua vez se organiza conforme o efeito que produz.

Comparando auto-imagem relacionada a gênero quanto a auto-afirmação, Ana, João e José postulam sua facilidade de manterem conversações com sua própria identidade de gênero, que, como mostram os trechos a seguir, são duas: ‘mulheres’ e ‘homens’. Mas não se trata de ‘qualquer homem’ ou ‘qualquer mulher’. Ana exclui explicitamente a mãe do perfil de “mais facilidade, mais abertura”. Assim, da mesma forma, nas narrativas de experiências específicas, João e José citam ‘amigos’ como interlocutores preferenciais – ou seja, as identidades de gênero ‘homens’ e ‘mulheres’ nestes trechos sobre auto-afirmação devem ser entendidas como corpos organizados também por faixa etária (e provavelmente classe, raça?). Nesse tipo de exclusão, a polissemia das identidades implicadas estão diluídas na ilusão provisória de duas identidades opositivas e estáveis. Maria marcou sua incapacidade de manter conversação de acordo com duas identidades de gênero: ‘namorado’ e ‘pai’. Aliás, como notei anteriormente, Maria marcou essa incapacidade em diversos momentos das entrevistas, mesmo sem estabelecer relação direta com uma identidade de gênero.

Comparando auto-imagem relacionada a gênero quanto a efeito, Maria inicia narrando a sua postulação como submetida ao efeito do discurso alheio “ficava por exemplo que eu aceitava”, e sua resistência apontada, “eu engolia... Mas não digería.”, retoma sua auto-imagem em relação à auto-afirmação – incapacidade de manter ou promover conversação conflituosa. Ana marca sua diferenciação em relação à Maria e sua auto-afirmação em relação ao efeito do discurso alheio: “ele que não vai falar isso para mim nunca mais”. Efeito e auto-afirmação estão ligados no discurso sobre linguagem. José relaciona o efeito de seu discurso no comportamento alheio (e não na fala) à sua auto-imagem de auto-afirmação. E, ainda que este efeito seja considerado negativo, “ela me julgou mal e aí ficou errado...”, não altera sua valoração positiva para auto-afirmação, “não, porque eu falo mesmo”. Essa valoração do ‘eu’ como dominador da conversação, independente dos efeitos que produza, é diferente daquele ‘eu’ dominador da conversação que precisa produzir efeito: “Enquanto você não falar que é...aí eu corro atrás!”. A diferença, como fica evidente notar, é que o ‘ele’ presente não é um termo genérico, mas, ao contrário, tem corpo e este corpo é pré-significado como necessariamente masculino. O corpo ‘menina não-namorada’ está submetido ao mesmo ‘eu’ dominador da conversação, mas, não é necessariamente submetida ao ‘eu’ que detém e regula os efeitos. O corpo ‘menina namorada’ seria diferente?

João remete a efeitos sobre termos de gênero, estabelecendo efeito sobre corpos masculinos. Os corpos com que ele se identifica, falando junto, rindo junto, produzindo a tão desejada “intimidade”, são todos masculinos: ‘amigos’ com quem o ‘eu’ se une para proferir sentenças violentas sobre corpos femininos: “A gente fala ‘nossa, vamos pegar aquela piranha e vamos rasgar ela’ e... fica falando só pra a raiva sair”. Raiva cujo objeto é, entenda-se, um corpo feminino: “M. está grilado porque a ex-namorada dele ligou”. São identidades de gênero sendo postuladas como opositivas, excludentes e em conflito. A raiva da ‘ex-namorada’ gera um discurso violento sobre a ‘piranha’ – uma substituição no eixo paradigmático? Se sim, que identidade homogênea é esta em que ‘ex-namorada’ e ‘piranha’ podem ser jogadas para serem então substituíveis?

Vamos comparar imagem de falante relacionada a gênero quanto a quantidade: no discurso de Ana, só existem duas estilizações, e são opositivas e comparadas “a questão das meninas falarem menos”; “((homens)) falam mais”. No discurso de João, vemos três identidades, que são comparadas entre si: a) ‘mulher’ fala muito em situação inadequada; “a mulher fala demais por isso, por causa de fofoca”) X ‘homem’ fala muito em situação adequada; “na minha sala de aula os homens participam mais”); b) ‘mulher’ fala muito com seus pares; “mulher fala mais com mulher”) X ‘homem’ fala pouco com seus pares; “dois homens andando juntos, tal, ninguém está conversando”); c) finalmente, ‘bicha’ (que é um “tipo de homem” – “tem cara que fala demais”, que tipo de cara fala demais? bicha.) fala demais.

Se comparamos imagem de falante relacionada a gênero quanto a auto-afirmação, para Ana, a identidade ‘mulher’ mantém conversação com mais facilidade se o tema é “ela mesma”. No discurso de João e José, as diferenças de capacidade ou incapacidade de manter conversações são fundamentadas na oposição de identidades de gênero, como no discurso de Ana, também a partir dos conteúdos de fala: conforme o que é dito, ‘homem’ mantém ou não conversação com ‘mulher’; e ‘mulher’ mantém ou não conversação com ‘homem’. Esses dados nos mostram que a auto-afirmação está associada a conteúdo de fala nas estilizações de gênero, e, como já notado, essas estilizações postulam identidades sem dúvida recortados por idade (‘meninas’, ‘garotas’), pois tanto conteúdo quanto idade estão organizados em termos de interesses sexuais.

No que diz respeito à imagem de falante relacionada a gênero quanto a efeito, podemos notar que algumas seqüências tematizam violência lingüística (“ele pegou aquilo ali pra tá te arrasando”; “sacanagem”; “grilam mesmo”; “tinha que ser do jeito dele”; “brigava muito”; “brincadeira ... de mal gosto”), e podemos separar as produções e reações a respeito desta violência entre dois grupos: a) produtores de violência/ reagem com naturalidade à violência (‘namorado’; ‘eles’; ‘ex-namorado’; ‘a gente ((João e amigos em churrasco))’); b) submetidas à violência/ reagem com desagrado à violência (‘você, namorada’; ‘as meninas’; ‘eu, Maria’; ‘mulher’).

Por outro lado, uma outra parte das seqüências centralizam-se no problema do conteúdo sexual da conversação como produtor de diferentes estilizações de gênero.

Assim é que João e José notam que ‘homens’ devem utilizar expressões sexualizadas (‘gostosa’; ‘ó, o peitão daquela outra’) e ‘meninas’ devem reagir com desagrado a esse tipo de conteúdo.

No panorama das entrevistas, quantidade é uma variável da auto-afirmação e deve ser entendida em seu encadeamento com esta última, que por sua vez é organizada (sustentada ou não) em função do efeito. Ora, se é a própria postulação do falante que está em jogo no conceito ordinário de comunicação, então sua relação com efeito (o elemento organizador das *tematizações sobre linguagem em geral*) redobra a problemática da postulação de identidade: o efeito é o testemunho da identidade no discurso sobre linguagem porque ele redobra a postulação descrevendo quantidade e auto-afirmação enquanto decifra suas (im)possibilidades nos seus atos de fala.

Para levar essas considerações para o campo das identidades de gênero, vamos delinear algumas generalizações possíveis:

‘Eu, corpo feminino, jovem’ *falam muito* em geral ou muito em situações de intimidade, no entanto possuem uma *incapacidade de manter conversações conflituosas* ou têm uma visão negativa desta capacidade, e acabam *não tendo garantias de êxito* dos efeitos da fala ou simplesmente não tendo êxito algum.

‘Eu, corpo masculino, jovem’ *falam muito* de acordo com situação, e possuem necessidade e *capacidade de manter conversações*, chegando ao ponto de determinar interrupções/continuidades, para *atingir os efeitos desejados* em situações específicas ou até dominar as possibilidades de efeitos gerais da conversação.

‘Mulher’ corpo feminino jovem fala muito em *situações inadequadas e mais entre si*, mantendo conversações mais facilmente *sobre si mesmas, submetendo-se ou recusando* violência lingüística e conversações sobre sexo.

‘Homem’ corpo masculino jovem fala muito em *situações adequadas e pouco entre si*, necessitando manter *domínio* do conteúdo e da continuidade de discurso alheio, *produzindo e aceitando* violência lingüística e conversações sobre sexo.

4. CONCLUSÕES

Com base nesta análise proposta, pude concluir que o discurso do ‘eu’ não coincide totalmente com o discurso do ‘homem/mulher’, evidenciando que as identidades de gênero envolvidas nas entrevistas não eram apenas duas (homem/mulher), mas várias (‘pai’, ‘mãe’, ‘eu-filho’, ‘eu-filha’, ‘amigo’, ‘amiga’, ‘namorado’, ‘ex-namorada’).

Destas várias, há um destaque: as oposições etárias são a base para a variação nas identidades de gênero. Classe e raça não foram colocadas em evidência em nenhum momento das entrevistas. Orientação sexual é colocada em evidência em poucas situações.

Na postulação das identidades, de gênero ou não, nossos corpos estão submetidos aos rituais de produção do discurso – a iterabilidade que se baseia na ausência do referente e do sentido, obrigando a repetir discursos fragmentados envolvidos na postulação como sujeito de fala (como é o caso do discurso de João, que frequentemente utiliza o mesmo predicado para ‘mulher’ e para o ‘eu’).

No entanto, o corpo é o elemento organizador e o argumento naturalizante das estilizações, e assim, se nos focamos na tematização sobre efeito, essas generalizações nos dizem também das coincidências entre os discursos sobre ‘eu, mulher’ e ‘mulher’, e sobre ‘eu, homem’ e ‘homem’: a capacidade de manter/dominar a conversação produzindo assertividade e até violência é positiva para corpos identificados como ‘homens’; e negativa ou inexistente em corpos identificados como ‘mulheres’ – além de estarem indistintamente expostos a essa violência, como na relação paradigmática que João estabelece entre ‘ex-namorada’ e ‘piranha’.

Os atos de fala que postulam as identidades de gênero em questão operam sobre a violência produzida/imposta para o corpo que fala na sombra de seu significado prévio, ou seja, num espaço em que a pluralidade é embargada, mas, ao contrário, operada e obrigada no efeito de uma oposição binária naturalizada.

Interpretando para/no outro e lembrando o outro/para o outro/para si, marcando e operando sua posição na alteridade, os corpos ofereceram um contexto para que atos de fala produzissem temporariamente identidades de gênero opostas, porque relacionais. Nessa produção, identidades de gênero masculinas produzem e adequam-se à violência na situação de fala, postulando um sujeito afirmativo e dominador. De forma opositiva e relacional, identidades de gênero femininas submeteram-se ou recusaram violência em situação de fala, postulando sujeitos silenciados ou violentados pela própria tentativa de auto-afirmação.

O corpo, lido e leitor das “diferenças sexuais”, ficou visível como lugar da violência culturalmente organizada em torno dessas diferenças. A expressão ‘Eu sou homem’ instaura a predicação “sacanagem”, “brincadeira... de mal gosto”, “insistir”; enquanto a expressão ‘eu sou mulher’ parece embargar todas essas predicações.

Numa consideração final – devo pensá-la como uma problematização em si ou como um desfecho satisfatório? – o discurso sobre linguagem evidencia ao mesmo tempo uma pluralidade de gênero levada para bem além do biológico, ajustada nestas entrevistas especialmente em termos de relações convencionalmente etárias, e, contrariamente, identidades de gênero como um sistema bipolar hierarquizado e naturalizado, obrigando e embargando uma prática da violência lingüística a partir da empiria dos corpos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J.L. (1976). *How to do things with words*. 2ª ed. Oxford: Oxford University Press.
- _____. (1998). Performativo-constativo. In: OTTONI, Paulo Roberto. *Visão performativa da linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP. (Viagens da Voz). (Apêndice). p. 107-144.
- BUTLER, Judith. (1997). *Excitable speech: a politics of the performative*. New York: Routledge.
- _____. (1998). Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, p. 11-42.
- _____. (1999). *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. 2ª ed. New York: Routledge.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. (1996). Resolução nº 196 de 1996. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Bioética*, Brasília, n. 4, p. 15-26.
- CULIOLI, Antoine. (1990). *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys. Tomo 1.
- DERRIDA, Jacques. (1990). *Limited Inc*. Paris: Éditions Galilée.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. (1989). Atos ilocucionários como jogos de linguagem. *Estudos lingüísticos*, Lorena, n. 18, p. 523-530.
- _____. (1990). Dos dizeres diversos em torno do fazer. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 223-254.
- _____. (1992). A irredutibilidade do ato ilocucionário como fator inibidor do êxito das tentativas taxonômicas. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 91-133.
- _____. (1996a). O Austin do qual a Lingüística tomou conhecimento e a Lingüística com a qual Austin sonhou. *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, n. 30, p. 105-116.
- _____. (1996b). A questão da referência e interpretação na teoria dos atos de fala. In: CASTRO, Maria Fausta Pereira de (org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- _____. (2000b). Austin's humorous style of philosophical discourse in light of Schrempf's interpretation of Oring's "incongruity theory" of humour. *Humor*, v. 13, n. 3, p. 287-311.
- _____. (2000a). On Searle [on Austin] on language. *Language & communication*, n. 20, p. 347-391.
- REDDY, Michael F. (1996). A metáfora do tubo: um caso de conflito conceitual na nossa linguagem sobre a linguagem. *Linguagem e biologia*, Belo Horizonte, p. 1-22 [Mimeo].
- REY-DEBOVE, Josette. (1978). *Le métalangage: étude linguistique du discours sur le langage*. Paris: Le Robert.